

A MENINA QUE SÓ FALAVA EM VERSOS

Conto infanto-juvenil que se integra à fantasia natural e criatividade das crianças e dos jovens, divertindo, educando e somando para o desenvolvimento do caráter, valores morais, cidadania, consciência ecológica, valores de família, cultura, conhecimento, espiritualidade, respeito aos educadores, incentivo ao estudo, ordem e disciplina. Livro destinado a crianças e jovens que apreciam leituras inteligentes, sensíveis, culturais, educativas e temas da realidade social brasileira.

CONTO COM MAIOR CONTEÚDO LITERÁRIO, UM MELHOR EXERCÍCIO DE LEITURA.

Sinopse:

O livro conta a estória de Mariazinha, uma menina que só falava em versos. Apesar dos esforços de sua mãe Celina, Mariazinha não superava o que seus pais consideravam um problema. Na escola, ela tirava boas notas, mas respondia a chamada e fazia as provas sempre em versos. Sua mãe buscou ajuda de um pediatra e fonoaudióloga, mas Mariazinha não tinha nenhum problema de ordem física. Com o tempo, os seus amiguinhos de brincadeiras e seus colegas de escola se acostumaram com o jeito de falar de Mariazinha. Mas, ao chegar à adolescência, fase em que todos os adolescentes parecem sentir vergonha de tudo e de todos, Mariazinha sentiu-se discriminada pelos seus amigos que evitavam convidá-la para ir a um shopping ou ao cinema. Ela ficou triste com esta rejeição. Sentia que precisava mudar este seu jeito de falar. Mas, não conseguia. Finalmente, dona Celina encontrou um velho e experiente psicólogo que, com muita habilidade, motivou Mariazinha a mudar o seu jeito de somente falar em rima e se comunicar normalmente. Mas, ela nunca deixou de ler e escrever poesias. A história termina com a leitura para sua mãe de três poesias clássicas de grandes poetas brasileiros. Emocionadas, as duas terminam a leitura aos prantos, como duas bobas...

João José da Costa

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos que dedicam parte de suas vidas para educar, de alguma forma, as crianças, com a missão e a crença de que nelas está a esperança de um mundo melhor.

Em especial, aos pais, professores e avós, triângulo básico da educação infantil.

Agradeço a Deus pela criança que Ele, ainda, permite existir em mim.

João José da Costa

Esta é a história do estranho caso de uma menina chamada Mariazinha.

Desde que começou a falar, Mariazinha chamou logo a atenção de seus pais para um detalhe.

Ela não pronunciava palavras isoladas como as crianças que estão aprendendo a falar.

Sua mãe ainda se lembra das primeiras palavras de seu irmãozinho Pedro:

- Gugu.
- Mamã.
- Papá.

Mas, com Mariazinha foi diferente. Ela começou a falar sempre rimando as palavras:

- Gugu, dadá, mamã, papá!
- Mamã, comê, papá, nenê!

E seu passatempo preferido, desde quando começou a dar os seus primeiros passos, era fazer rabiscos em folhas de papel.

E ela pedia para sua mãe dizendo:

- Mamã, caneta
- Papel, menina
- Au-au, careta
- Cocó, bonita

Ela pedia à sua mãe uma caneta e um pedaço de papel. E, na sua cabecinha, ela estava desenhando um cachorrinho feio e uma galinha bonita.

Seus pais começaram a estranhar o fato da Mariazinha falar sempre em versos.

Mas acharam que isto passaria com o tempo.

E até deram um apelido para ela por brincadeira - Mariazinha Poetisa.

(Poetisa? O que esta palavra quer dizer? O homem que faz versos é um poeta. A mulher que faz versos é poetisa).

Mariazinha cresceu.

Mas, nossa pequena poetisa não se limitava a falar em versos somente em casa.

Com os seus amiguinhos, na hora de brincar, não era nada diferente:

- Lulu, você vai ao mercado!
- Vamos brincar de casinha!
- Anote tudo bem marcado!
- Tatá, você vai pra cozinha!

- Vamos preparar um menu,
- Que todos achem gostoso,
- Vamos servir um peru,
- E um sorvete cremoso!

Os amiguinhos de Mariazinha achavam divertido ela falar em versos.

Eles até tentavam fazer versos também.

Mas, veja no que dava:

- Mariazinha fale direito,
- Você assim nos confunde,
- Se continuar falando versos,
- Vai tropeçar na sua língua.

Mariazinha ria e respondia:

- Estes não são versos,
- Suas palavras não rimam!
- Sei que não são perversos,
- Mas, vocês me imitam!

Mariazinha não gostava de ver seus alguns de seus amigos se comportarem mal com os seus pais. E logo chamava atenção:

- Não fale com sua mãe desta maneira!
- Ela está certa, você tem que entrar.
- A vida não é somente brincadeira.
- Temos que ter hora para estudar.

- Não seremos sempre criança.
- Não podemos somente brincar.
- E nossos pais são a esperança,
- Que no futuro vamos brilhar.

Mariazinha gostava e protegia muito os animais. Ela gostava muito de natureza. Quando via algum menino ameaçar matar um bichinho, como uma lagarta, por exemplo, ela logo gritava:

- Pare! Que falta de humanidade!
- A lagarta é nossa amiga querida.
- Como ficará muito triste a cidade,
- Sem borboletas alegrando nossa vida!

Apesar de engraçado e chamar a atenção de todos, os pais de Mariazinha começavam a ficar preocupados.

E a levaram ao pediatra:

- Dona Celina, não tem nada de errado com a Mariazinha. Acho melhor a senhor levá-la a uma fonoaudióloga. Disse a doutora Lívia.

- Fonoaudióloga? Perguntou dona Celina.

- Sim! É uma profissional especializada em distúrbios da fala. Recomendo que a senhora ouça a sua opinião.

Dona Celina ficou curiosa com a recomendação do pediatra de Mariazinha. Será que ela tem algum distúrbio da fala e, por causa disto, só fala em versos?

Voltando do médico, Mariazinha perguntou para sua mãe:

- Mãe, não fique preocupada!
- Eu só sei falar assim!

- Mas, eu não tenho nada!
- Não fique com pena de mim!

E dona Celina respondia com carinho:

- Eu sei minha filha, eu sei. A mamãe não está com pena de você. Mas, vamos ouvir o que a fonoaudióloga vai falar sobre este seu proble... Quero dizer, este seu jeito de falar.

E Mariazinha insistiu com sua querida mamãe:

- Mas, mamãe qual é o mal,
- Que eu fale deste jeito?
- Será que não sou normal?
- Sinto uma dor no peito!

E, com paciência, a dona Celina explicava:

- Não, minha querida. Você é uma menina normal. Mas, o ano que vem você vai para a escola. Vai aprender a ler e escrever. E você terá que falar como todas as crianças. Senão, você poderá ter problemas na escola com a professora e os outros alunos!

E Mariazinha respondeu:

- Mas, que problemas terei?
- Eu vou sempre estudar!
- Aos meus amiguinhos ensinarei,
- Várias formas de brincar!

E dona Celina tentava explicar para Mariazinha:

- Querida, sua professora pode achar que você está falando assim para fazer gracinha. E seus coleguinhas da escola logo, logo, vão fazer brincadeiras com você. E isto pode deixar você magoada.

Finalmente, chegou o dia da consulta com a fonoaudióloga.

- Oi, Mariazinha. Você é uma linda menina! Disse a fonoaudióloga.

E Mariazinha respondeu educadamente:

- Oi, doutora, muito obrigada!
- A mamãe muito me estima.
- Mas, ela está tão preocupada,
- Que eu converso sempre em rima!

A doutora Adriana olhou para a dona Celina logo compreendendo o problema de Mariazinha. E continuou a consulta.

- Mariazinha, nós vamos fazer alguns exames em você. Mas, não se preocupe, não vai doer nada!

Depois de mais de duas horas de consulta, a doutora Adriana deu seu parecer:

- Na verdade, mamãe Celina, eu não vi nada de errado na Mariazinha. Suas cordas vocais são normais, sua garganta não tem nenhum problema. Ela não apresenta nenhuma disfunção da fala.

E dona Celina, mais preocupada ainda, perguntou:

- Mas, como vamos resolver este jeito de falar da Mariazinha. O ano que vem ela vai para a escola. Será que ela não vai ter problemas?

E a doutora Adriana recomendou:

- Eu acho que a senhora vai ter que fazer alguns exercícios de fala com a Mariazinha. Toda vez que ela falar em versos, transforme as suas palavras em uma frase normal e peça para ela repetir. Eu acredito que, assim, a Mariazinha vai perder este jeito de falar somente em versos.

No caminho de volta para casa, Mariazinha quis saber:

- Mamãe, o que a doutora disse?
- A senhora vai me remendar?
- Não vai parecer esquisitice,
- Sempre repetir o que eu falar?

E dona Celina aproveitou para já começar com os exercícios:

- Minha filha, tente falar desta forma:

- Mamãe, o que foi que a doutora disse? A senhora vai copiar as minhas palavras, vai? A senhora não acha que vai ficar esquisito a senhora repetir o que eu falar?

E Mariazinha não conseguia e insistia com sua mãe:

- Mas, foi isto exatamente,
- Que eu disse em minha fala.
- Para mim em minha mente,
- Trocamos o quarto pela sala!

Dona Celina preferiu ir com calma com estes exercícios.

Mas, todas as vezes que tentava, era em vão, não funcionava!

O tempo passou, Mariazinha foi para a escola.

Ela era uma aluna muito aplicada. Estudava muito, fazia todas as lições. Brincava como uma criança normal. Às vezes ela conseguia até reunir amiguinhas que procuravam só conversar em versos. Elas achavam isto muito divertido.

Todos já tinham se acostumado com este seu jeito de falar.

E até pensavam:

- Quem sabe se a gente não chamar tanto a atenção de Mariazinha ela deixa de falar assim por sua própria conta!

E na escola Mariazinha fazia versos até na hora da chamada:

- Professora, presente!
- Estou aqui para aprender!
- Nunca estarei ausente,
- Quero saber ler e escrever!

E, apesar do seu jeito de falar em versos, Mariazinha ia muito bem na escola. As suas notas eram boas, inclusive em matemática:

E ela tinha a matemática na ponta da língua:

- Somar e dividir é matemática,
- Também subtrair e multiplicar.
- Como é grande a problemática,
- Entender números e calcular.

- Números cardinais são um, dois, três,
- Ordinais primeiro, segundo, terceiro,
- Nos cardinais sete vem depois do seis,
- Nos ordinais segundo vem após primeiro.

- Estudo a tabuada com afinco,
- Para fazer contas muito bem,
- Se dois mais três são cinco,
- Dez vezes dez são cem.

E Mariazinha tirou nota 10 na prova de história do Brasil:

- Quem descobriu o Brasil,
- Foi Pedro Álvares Cabral,
- No dia vinte e dois de abril,
- Vindo lá de Portugal.

- No ano de mil e quinhentos,
- Das Índias estava a caminho,
- Buscavam ervas, condimentos,
- Mas, Cabral não estava sozinho.

- Treze naus na expedição,
- Homens a bordo mais de mil,
- Nascia uma grande nação,
- Que se chamaria Brasil.

No começo, os versos de Mariazinha até que causaram certo tumulto nas aulas.

Afinal de contas, os alunos nunca tinham conhecido antes uma menina que só falava em versos.

Mas, todos acabaram se acostumando com Mariazinha.

Em sua casa, sua mãe também desistiu de fazer os exercícios recomendados pela fonoaudióloga. Eles não estavam dando certo mesmo.

E dona Celina tinha sempre uma esperança:

- Um dia Mariazinha falará normal como todas as crianças. Isto passará!

Uma vez, dona Celina perguntou para Mariazinha:

- Minha filha, o que você vai ser,
- Quando tiver com mais idade?
- Quando você crescer,
- Quero ver você na faculdade!

Mariazinha ficou surpresa! Sua mãe estava falando em versos também!

Dona Celina ficou assustada:

- Nossa, isto aí pega! Sem me dar conta, falei com Mariazinha em versos! Agora está tudo perdido!

E dona Celina estava certa. Se lermos ou ouvirmos muitos versos, vamos aprender a fazer versos como os poetas!

E Mariazinha respondeu:

- Mamãe, não se aborreça,
- Falar em versos é um dom,
- A senhora nunca se esqueça,
- Que ser poeta é muito bom.

- Eles veem do mundo a beleza,
- Eles falam de paz e amor,
- Cantam as cores da natureza,
- Vivem a vida com ardor.
- Não quero uma carreira poética,
- Nem me isolar numa ilha,
- Tampouco quero ser médica,

- Apenas ser sua filha.

Mariazinha cresceu e entrava na fase da adolescência com seus 12 anos de idade.

E ela começou a perceber que falar somente em versos começava atrapalhar um pouco a sua vida.

Os meninos evitavam convidá-la para ir ao shopping ou ao cinema.

Esta idade é uma fase em que os adolescentes sentem vergonha de tudo e de todos. Andar com uma menina que somente falava em versos deixava os meninos um pouco envergonhados.

Isto aborrecia Mariazinha:

- Só falar em versos não está legal,
- Não quero perder meus amigos,
- Se eu não aprender falar normal,
- Vou viver triste e só comigo.

As amigas aconselharam dona Celina procurar por um Psicólogo.

E a reação de Mariazinha foi imediata:

- Mas, mamãe, um psicólogo?
- Eu não sou uma louca não!
- Não bastou o fonoaudiólogo?
- Eu não aguento mais sermão!

E dona Celina tranquilizou Mariazinha:

- Minha filha, ir para consulta com um psicólogo não quer dizer que uma criança está louca. Você está errada em pensar assim. O psicólogo é um profissional que estuda a mente e comportamentos das pessoas. Assim, ele pode ajudar as pessoas a compreender os problemas que estão acontecendo em suas vidas e ajudá-las a resolvê-los.

E depois de muita insistência de sua mãe, Mariazinha concordou em ir ao tal psicólogo e ouvir seus conselhos:

- Mãe! Tentarei mais uma vez.
- Sinto que preciso mudar.
- Quem sabe ele mude, talvez,
- Este meu jeito de falar.

E dona Celina teve a indicação de um velho e experiente psicólogo, o doutor Afrânio. Ele já tinha tratado tudo quanto era problema de crianças.

Mas, este de Mariazinha o surpreendeu:

- Mamãe Celina! Confesso que este caso de Mariazinha vai precisar de um pouco mais de tempo. Mas, deixe-me pensar em um tratamento que possa dar certo. Vamos encontrar uma solução com certeza.

E foram marcadas reuniões entre Mariazinha e o doutor Afrânio duas vezes por semana.

E nenhum tratamento do doutor Afrânio dava certo.

Até que um dia ele teve uma brilhante ideia! E perguntou para Mariazinha:

- Mariazinha, qual é o doce que você mais gosta?

E Mariazinha respondeu toda animada.

- Vai dar um doce para mim?
- Esta é uma excelente solução!
- Deixe-me ver, será pudim?
- Não! Quero torta de limão!

Assim, nas reuniões com Mariazinha, o doutor Afrânio passou a falar muito pouco e servir várias tortas de limão.

Ela esta adorando o tratamento. O doutor Afrânio pouco perguntava e ela tinha tempo bastante para comer várias tortas de limão.

E nas reuniões com Mariazinha, o doutor Afrânio foi falando cada vez menos e servia cada vez mais torta de limão.

Mariazinha já estava enjoando de comer tanta torta de limão. Mas, continuava no tratamento. Ela até engordou um pouco com este tratamento.

E sua mãe lhe perguntava sobre o tratamento com o doutor Afrânio:

- Sabe, mãe. Não está mal não.
- Mas, eu não estou aguentando,
- Comer tanta torta de limão,
- E eu estou até engordando!

E nas consultas com o doutor Afrânio, o procedimento se repetia. Eram mais e mais tortas de limão.

Até que um dia, Mariazinha falou:

- Chega de torta de limão!
- De morango ou de goiaba.
- Não quero comer mais não,
- Eu fiquei muito enjoada!

Foi quando, então, o doutor Afrânio pediu para Mariazinha deitar-se um pouco no sofá e relaxar por uns minutos.

Depois ele voltou a conversar com ela:

- Mariazinha, poesia é como um doce que não se pode comer sempre. Se você comer um doce sempre, como a torta de limão, vai acabar enjoando do doce com o tempo. E vai chegar um dia que nem poderá ver o doce na sua frente.

- Poesia é para ser lida e falada em momentos especiais de sua vida. Quando você estiver triste ou feliz, amando ou sendo esquecida, querendo filosofar sobre a vida, ficar em solidão com você mesma, admirar as belezas da natureza, as experiências de vida dos poetas.

- E é isto que está acontecendo com os seus amigos. Eles podem até gostar de seus versos e suas rimas. Mas, não querem ouvi-los a toda hora, o tempo todo! Por isso estão se afastando de você.

- Entendeu, minha querida? Agora, continue deitada e relaxando e reflita sobre o que falei para você.
- E, mais uma pergunta: Você quer mais torta de limão?

Mariazinha riu, mas não conseguiu esconder as duas lágrimas que caíam de seus lindos olhos.

A consulta terminara.

Mariazinha deixou o consultório do doutor Afrânio sem dizer uma palavra, acompanhada de sua mãe. Ela estava triste, mas ciente da verdade que o doutor Afrânio tinha colocado em sua mente.

E o doutor Afrânio tinha toda razão. Poesias são gotas mágicas de encantamento para as nossas vidas em momentos especiais.

E, realmente, quando mais a gente lê poesias, mas nos encantamos com a beleza das palavras que se harmonizam em rimas. As poesias falam de sentimentos humanos como nenhuma outra forma de expressão escrita.

A poesia é eterna, como são eternos os poetas.

Os homens vão, os poetas ficam.

Mariazinha cresceu e ficou uma linda moça.

O encanto quebrou e Mariazinha começou a falar como qualquer outra pessoa. Mas, não só por isso ela deixou de escrever poesias e ler poesias como a sua leitura predileta.

De vez em quando, ela lia para dona Celina algumas poesias para provar a beleza e profundidade de sentimentos que cada uma delas encerra.

E dona Celina se transportava para as mágicas palavras combinadas pelos poetas em rimas.

GONÇALVES DIAS

Canção do Exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar - sozinho, à noite -
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem que ainda aviste as palmeiras,
Onde canta o sabiá.

CASIMIRO DE ABREU

Meus oito anos

Oh! Que saudades que tenho
Da aurora de minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,

Debaixo dos laranjais.

Como são belos os dias
Do despontar da existência!
Respira a alma inocência
Como perfume a flor;
O mar é lago sereno,
O céu um manto azulado,
O mundo um sonho dourado,
A vida um hino d' amor!

Que auroras, que sol, que vida,
Que noites de melodia
Naquela doce alegria,
Naquele ingênuo folgar!
O céu bordado d' estrelas,
A terra de aromas cheia,
As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar!

Oh! Dias da minha infância!
Oh! Meu céu de primavera!
Que doce a vida não era
Nessa risonha manhã!
Em vez das mágoas de agora,
Eu tinha nessas delícias
De minha mãe as carícias
E beijos de minha irmã!

Livre filho das montanhas,
Eu ia bem satisfeito,
Da camisa aberto o peito,
Pés descalços, braços nus,
Correndo pelas campinas
À roda das cachoeiras,
Atrás das asas ligeiras
Das borboletas azuis!

Naqueles tempos ditosos
Is colher as pitangas,

Trepava a tirar as mangas,
Brincava à beira do mar;
Rezava as ave-marias,
Achava o céu sempre lindo,
Adormecia sorrindo
E despertava a cantar.
Oh! Que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!

Como sempre emocionada ao ler poesias, Mariazinha falou:

- Viu, mãe? Que poesias lindas! São de poetas clássicos brasileiros. Gonçalves Dias expressou tão bem a saudades que sentia do Brasil. E Casimiro de Abreu me fez recordar os meus oito anos. Que idade maravilhosa!

- Lindas mesmo, minha filha! E como é bom ouvir você falar normalmente! Mas, você tem razão. Não devemos esquecer as poesias nunca. A propósito, se estamos com tanto amor no coração esta noite, por que não vamos à janela ouvir e entender estrelas, como fazia o poeta Olavo Bilac?

Ao final, Mariazinha e dona Celina se abraçaram, choraram e riram ao mesmo tempo, como duas bobas...

FIM